



REDAÇÃO VENCEDORA DA FASE INTERNACIONAL

AUTORA: Nguyen Thi Thu Trang, 15 anos, do Vietnã.

Tradução do francês para o português feita por Alain Paul Laurenti Rocchi.

Paraíso, primeiro de janeiro de 2016

Bom dia, meu querido eu com 45 anos de idade!

Então, há quase quatro meses que deixei este mundo. Minha saída precipitada talvez tenha me dado uma maturidade que me ajuda a escrever esta carta. Eu - o pequeno Alan Kurdi, cidadão sírio com três anos de idade, conhecido no mundo inteiro por ter adormecido na praia de Bodrum na Turquia e nunca mais ter acordado – escrever para mim mesmo com 45 anos de idade, vivo ainda no mundo terreno! Isso parece absurdo, não é mesmo? Já que morri, você não deveria existir! Mas, por que não? De fato, tudo acontece como em sonho – você e eu reunidos em semelhança! Os anjos me ajudarão a encaminhar-te esta carta.

Meu caro amigo, neste momento, encontro-me no Paraíso – um mundo cintilante de maravilhas! Não há nem dia, nem noite! O sol, a lua e as estrelas brilham em um universo claro como cristal. Mamãe, meu irmão e outras almas sorriem para mim. Não temos país, não temos a obrigação de imigrar, não fazemos distinção entre as religiões, nosso mundo não conhece a violência e tampouco o terrorismo... Somos almas leves e serenas.

É a passagem de Ano Novo. Do alto dos céus, podemos contemplar a terra inteira. Podemos ver os fogos de artifício luminosos que eclodem na noite e ouvir o repicar dos sinos. Luzes contrastantes brilham na noite. Fachos de luz esplêndidos alternam com áreas inteiras negras e silenciosas. O badalar dos sinos sucede ao som dos canhões, a felicidade floresce ao lado dos infortúnios, o ódio acompanha o amor... Enfim, essa vida agora está bem longe de mim!

Meu querido eu de 45 anos, você se lembra? Seguimos papai e mamãe para fugir da guerra e da violência em Kobani, atraídos que fomos pelo sonho de uma “terra prometida na Europa. O sonho desfez-se uns vinte minutos após a nossa partida. O mar estava agitado. Gritei: “Papai, não morra!” Lutei contra as ondas, tentando agarrar-me à vida em um esforço desesperado. Mas o que pode uma criança de três anos perdida em pleno mar, na escuridão da noite?

O mar me embalou em seus braços. Ele foi atencioso, pois ao invés de atirar-me para as profundezas, ele me colocou na areia da praia, onde repositi – imóvel. Você se lembra da imagem então veiculada pela mídia? A de um pequeno corpo vestindo uma camiseta vermelha e um short azul oceânico. Eu ainda calçava sapatos e meus braços estavam estirados ao longo do corpo. Deitado na praia, com o rosto enterrado na areia, eu parecia dormir. E as ondas me embalavam em meu sono eterno.



Essa imagem foi muito divulgada na mídia e nas redes sociais. O que disseram a meu respeito? “Desastre humanitário em escala mundial”, “Símbolo da tragédia do povo sírio e do esforço desesperado para fugir dela” e “Envergonhado, o mundo inteiro calou-se” ou “Uma tragédia que desperta a consciência”... E desenharam-me asas como as de anjo... Não se trata de exagero ou de “poetização” da morte. Na verdade, a morte tem o poder de nos comover e procurou-se meios de suavizar a dor. Enfim, de qualquer maneira, a realidade é essa: uma vida acabou e uma criança permanece eternamente com seus três anos de idade. Minha família e eu sobrevivemos aos bombardeios numa Síria martirizada, mas perdemos a vida em busca de um lugar onde pudéssemos encontrar paz para viver. Verdadeiramente, a morte é por demais dolorosa e absurda. Que pena, três anos! Uma vida! Se a guerra e a violência não existissem, se tivéssemos um navio mais sólido, se papai pudesse comprar-me um colete salva-vidas, se os países europeus abrissem as fronteiras, se... eu não teria morrido!

Meu corpo foi repatriado. Um longo caminho de volta à terra natal. Uma volta após a morte. Uma volta ao país do qual eu havia fugido. Uma volta para ser sepultado na terra. Uma vida perdida nas ondas do oceano!

Apesar de tudo, sou conhecido e chorado por muita gente. E quanto aos milhares ou mesmo milhões de outros mortos? Milhares de migrantes perderam a vida na travessia do Mediterrâneo, milhares de crianças morreram de fome, de frio, de doenças... Antes de sucumbir, um Sírio registrou por escrito: “Obrigado ao mar por nos receber sem solicitação de visto... sem perguntar pela nossa religião...” Assim, há mortes que despertam a indignação, há mortes que se comemoram, mas há também aquelas mortes que são esquecidas. Que tristeza! Será que somente a morte consegue apagar as injustiças? Ou a injustiça (per)segue o homem até dentro da morte?

Desde a calma do leve Paraíso, das profundezas das dores de uma criança morta, escrevo-te - a ti, meu eu com 45 anos ainda vivo no mundo terreno. Poderiam perguntar por que não escolhi uma outra idade. Acontece, meu caro amigo, que com 45 anos, o ser humano já tem uma trajetória bem definida nesse mundo. Se eu fosse você – eu com 45 anos –, o que eu seria? Um pai de família? Um funcionário? Ou uma pessoa capaz de transformar o mundo? Você sabe que Steve Jobs, o fundador da Apple, também foi um imigrante. E onde você viveria? Teria voltado à Síria ou permanecido na Europa – essa terra prometida? Como seria o mundo? Semelhante ao paraíso onde estou? Você acha que chegar aos 45 anos é algo natural? Não! Chegar aos 45 anos por vezes permanece um sonho irrealizável. Quem me dera que eu e crianças como eu cheguemos aos 45 anos!? Quem nos dará a vida de volta? Como proceder para que todo o mundo possa chegar aos 45 anos, aos 55 anos e a uma idade mais avançada ainda?

Quem vai responder a estas minhas perguntas, meu caro eu com 45 anos de idade?

Afetuosamente,

Alan – que é você – desde o Paraíso.